

Uma Tipologia do Terror?

George Joffé

A base do terrorismo moderno islamista é a ideia de que é no Ocidente que se encontra a raiz de todos os males que afectam o Médio Oriente - e que é contra essa raiz que deve ser aplicado o poder purificador da violência.

Um dos aspectos mais alarmantes da reacção ao tremendo horror dos recentes ataques aos EUA foi a ressurreição da tese de Samuel Huntington de "choque de civilizações" como uma explicação de encomenda do que sucedeu. De acordo com esse ponto de vista, o enorme simbolismo da rejeição total que os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono representam é simplesmente a demonstração do inevitável e irredutível conflito entre a civilização ocidental e o Islão. Um empenho mínimo na concretização de uma análise consequente, deveria demonstrar a vacuidade desse tipo de análise, pois os ataques recentes resultaram de questões políticas concretas, não do choque de duas Weltanschauunge opostas - a presença norte-americana na Arábia Saudita, a tragédia dos palestinianos e a falência da política ocidental relativamente ao Iraque, para mencionar apenas algumas.

A retórica utilizada, porém, tem uma componente islâmica, pelo que é talvez compreensível a confusão entre meios e fins. Até porque, também alguns dos agravos parecem ter a ver com uma oposição de natureza religiosa. Por exemplo, porque é que existe um tal ressentimento com uma presença militar norte-americana na Arábia Saudita, e porque é que existe tanta dificuldade em aceitar a legitimidade do Estado de Israel? Em suma, não é tudo isto um terrível exemplo de obscurantismo religioso e de intolerância? A verdade é que, não. Todas estas questões estão relacionadas com memórias históricas bem mais profundas. A Arábia Saudita, por exemplo, nunca teve qualquer experiência colonial, e os palestinianos têm reais razões de queixa, as quais nunca foram sequer reconhecidas, e ainda menos compensadas.

Por outras palavras, apesar de utilizar uma retórica religiosa, o terrorismo que destruiu, a 11 de Setembro, as ilusões norte-americanas - e europeias - de invulnerabilidade, tem a ver com realidades políticas e económicas, que depois legitima mediante o apelo a verdades religiosas imutáveis. E é aqui, claro está, que reside o problema, porque a rejeição das consequências da actuação dos terroristas, quando ela se reveste dessa forma, parece ser, superficialmente, é certo, uma rejeição da própria religião - daí a hesitação de muitos no mundo muçulmano em condenar de forma clara o que sucedeu. No entanto, muitos líderes religiosos, nomeadamente dos movimentos convencionalmente considerados "Islamistas" tem estado na linha de frente da condenação destes eventos, mesmo se as multidões de manifestantes no Paquistão, Nigéria e Indonésia não parecem estar a prestar grande atenção ao facto (tema objecto de outro artigo nesta revista).

REFORMISMO RELIGIOSO

Qual é então a ligação, se é que ela existe, entre o Islão e movimentos terroristas

como a rede al-Qaeda ou os grupos egípcios Gama'at Islamiyya e Jihad Islamiyya? O Islão sempre teve uma tradição reformista, como resultado da inevitável corrupção da prática religiosa pela sua ligação estreita com a ordem política e social do mundo pré-Islâmico. Este facto deu origem a um elo contínuo de movimentos reformistas, tendo por referência a idade do ouro ideal dos primeiros quatro califas "ortodoxos" como o paradigma da sociedade verdadeiramente islâmica. O seu arquétipo no século XVIII foi o movimento Wahabbi na Arábia Saudita; no século XIX, talvez o movimento Sanussiyya, com o seu centro na Líbia, mas que se estendeu para o sul até ao Chade, para o ocidente até Marrocos e para o leste até Meca.

O encontro com a Europa após a conquista do Egipto por Napoleão no final do século XVIII, foi um choque de enormes proporções para a comunidade islâmica do Médio Oriente, visto que revelou a incapacidade de resposta eficaz, por parte dos muçulmanos, quando confrontados com a agressividade intelectual e tecnológica da Europa. A resposta para este facto deveria ser encontrada no próprio Islão, pois seria numa regeneração de acordo com uma visão islâmica purificada que estaria a verdadeira solução muçulmana à modernização - uma caminhada no mesmo sentido mas por outra rota. Consequentemente, nas décadas de 60 e 70 do século XIX, o Salafiyism procurou fazer reviver o Islão prostrado pelo colonialismo. Os ideias desse movimento acabaram por inspirar a primeira vaga de reformistas e anticolonialistas da Turquia até ao Egipto e ao Norte de África.

OS MOVIMENTOS REVIVALISTAS

Este movimento de regeneração, no entanto, foi essencialmente uma corrente intelectual, ainda que também tenha inspirado algumas tentativas de resistência anticolonial, nomeadamente na Guerra do Rif em Marrocos. Ainda não se tinha adaptado às novas oportunidades políticas que surgiram nas sociedades coloniais menos repressivas do Médio Oriente. Em 1928, no entanto, uma resposta adequada surgiu, sob a forma do primeiro partido político islâmico - Ikhan Muslimin, os Irmãos Muçulmanos. Este movimento tem estado na base de todos os demais movimentos políticos especificamente islâmicos no Médio Oriente sunita que têm vindo a surgir de então para cá. Depressa o movimento foi replicado por toda região, com cada área sob administração colonial distinta a formar a sua própria variante. Todas elas, teoricamente pelo menos, empenhadas na restauração do Islão como uma código de conduta político e social através da educação e do exemplo.

Ainda que as condições de vida características do mundo colonizado depressa tenham provocado a emergência de formas de violência extrema nas margens dos movimentos políticos autóctones, fossem eles seculares ou religiosos, a ideologia dos Ikhwan era essencialmente pacífica e preocupada com a concretização de uma reforma da sociedade, acreditando eles que quando o seu impacto sobre o conjunto da comunidade fosse suficientemente significativo, alcançariam o poder político de forma natural. Infelizmente, à medida que foi sendo posto fim à dominação colonial e que começaram a ocorrer revoluções por todo o Médio Oriente, o papel da violência política começou também a aumentar e os governos dos novos Estados independentes começaram a olhar para as pretensões absolutistas destes movimentos religiosos com crescente inquietação.

O ISLÃO POLÍTICO MODERNO

Inevitavelmente, alguns pensadores começaram a reflectir como é que os muçulmanos crentes poderiam responder a esta nova forma de "tirania", pois o

Islão sempre teve a tradição da jihad, da guerra santa, como uma resposta activa face aos que a ameaçavam. Destacam-se duas figuras neste contexto, Saiyyd Qutb no Egipto, executado por Nasser em 1967, e Maulana Maududi no Paquistão, que, antes da separação da Índia, tinha começado a defender a necessidade de uma militância política disposta a defender o recurso à jihad para defender o Islão. A sua tese girava essencialmente em torno da ideia do carácter inquestionável do ideal de uma ordem política e social islâmica, e da culpabilidade daqueles que resistiam a esse ideal recorrendo a formas tirânicas e corruptas de exercer o poder. De acordo com uma tradição que vinha já do século XIV, o verdadeiro muçulmano devia distanciar-se desses sistemas políticos, de forma a melhor os combater.

Este conjunto de ideias estão na base da ideologia de todos os movimentos islâmicos contemporâneos que recorrem à violência e que foram surgindo na sequência da derrota árabe na Guerra dos Seis Dias contra Israel (1967). Um conflito do qual resultou não apenas a supremacia militar israelita, como também a anexação de facto da faixa de Gaza e da Margem Ocidental. E que representou ainda o toque de finados para o nacionalismo árabe como uma ideologia viável no Mundo Árabe. Como resposta, as alternativas em termos de Islão político começaram a multiplicar-se, o mesmo sucedendo com os seus objectivos e alvos. A tradição inicial dos Ikhwan de transformação pacífica da sociedade como o caminho adequado para alcançar o poder foi desafiada por um sentimento novo de necessidade urgente de controlar o Estado para então o reformar. No entanto, estes movimentos, apesar de beneficiarem de grande apoio popular, em especial no Egipto, eram fracos e fragmentados, reprimidos pelo Estado e isolados da corrente ortodoxa dominante em termos do Islão.

Inevitavelmente, animados pelo carácter totalitário das exigências resultantes das suas convicções, eles começaram cada vez mais a recorrer ao terrorismo como resposta à violência do Estado - foi, recorde-se, o caminho seguido, depois de 1992, pela Gama'at Islamiyya e pela Jihad Islamiyya egípcia, dois grupos entre muitos, como por exemplo, aquele que, doze anos antes, tinha assassinado o presidente Sadat pela sua política de paz relativamente a Israel. Foi ainda o caminho seguido pelo Hamas, também um derivado dos Ikhwan, que surgiu nos territórios ocupados por Israel, na sequência da primeira intifada palestiniana, que irrompeu em 1987. Outros movimentos, como o an-Nahda da Tunísia, resistiram à tentação de recorrer à violência, apesar da repressão estatal de 1991 e 1992. E fê-lo, com base na ideia de que o Islão tolerava, ou melhor, acolhia o pluralismo político e que a violência nunca poderia ser, conseqüentemente, a resposta adequada à repressão.

VIOLÊNCIA E TERRORISMO

Dois acontecimentos que tiveram lugar em 1979, todavia, iriam alterar esta situação. A revolução islâmica no Irão, e a luta contra a intervenção soviética no Afeganistão, com o apoio norte-americano e saudita. A revolução iraniana, deu uma enorme visibilidade e peso à ideia de uma alternativa islâmica de poder, particularmente nos anos 80 com o seu esforço para "exportar a revolução", ainda que o Islão sunita e xiita há muito que vêm seguindo caminhos distintos. Mais importante ainda, o apoio iraniano ao movimento local de resistência dos xiitas libaneses (o Amal), acabou por levar à sua divisão, e ao surgimento do intransigente Hizbullah que deu a todo o Médio Oriente uma lição muito concreta da eficiência da violência terrorista. No entanto, o Hizbullah tinha objectivos bem delimitados - a saída de todos os estrangeiros, desde logo os israelistas, do Líbano.

O Afeganistão revelou-se bem mais importante, pois levou ao surgimento de um grande número de combatentes islâmicos, disciplinados, treinados e experientes,

absolutamente dedicados ao ideal da revolução islâmica. A decisão, em 1992, de os desmobilizar no Afeganistão e no Paquistão veio a revelar-se como um dos erros mais graves do pós-Guerra Fria, pois resultou em que se espalhassem por todo o Médio Oriente e mais longe ainda, um conjunto de radicais com experiência de combate e determinados a confrontar violentamente regimes que consideravam absolutamente corrompidos como resultado de um exercício tirânico do poder e do apoio do Ocidente. À medida que os Estados foram esmagando com sucesso os focos de rebelião islamista, particularmente no Egipto, assim os sobreviventes se foram reagrupando, desta feita com um programa de acção mais global, pois - para eles - era claro que estava no Ocidente a raiz das crises políticas do Médio Oriente, as quais apenas poderiam ser resolvidas mediante o recurso ao poder purificador da violência terrorista.